

Sonetos Inéditos

Cláudio Manuel da Costa (pseudônimo Glauceste Satúrnio)

1

Estes do íntimo d'alma retratados,
Em tosco acento, métricos gemidos,
Mais à força da mágoa dispendidos
Do que a cargos do engenho articulados,

A quem, senão a ti, dos meus cuidados
Ídolo belo, objeto dos sentidos,
Pois os viste tu mesma produzidos,
Devem ser dignamente consagrados?

Recebe o terno voto; e se notares
Em pranto, em ânsia, em lágrimas desfeita
Uma alma que foi centro dos pesares,

Lembra-te que de estragos satisfeita
Jamais pôde alguma hora em teus altares
Outra vítima alegre ser aceita.

2

Ninfa cruel, que derramando agora
Vens o líquido orvalho cristalino,
Não confundas o pranto matutino
Co'as lágrimas gentis que Nise chora.

Não despertes, repousa, ó bela Aurora,
Que no berço em que alegre te imagino

Te acompanha outro amante peregrino,
Que Aurora mais feliz em ver-te adora.

Ela, porque seus raios vê diante,
O rosto banha em fúnebre lamento,
Sendo força deixar a Fábio amante.

Que direi desse ingrato movimento
Senão que foi vingança, ó Ninfa errante,
Da inveja que te deu seu luzimento.

3

Dentro de um vidro que me mostra
Alcina, De linhas mil em círculos cortado,
Vejo que se ergue o rosto delicado
Da minha bela, mas ingrata Eulina:

Já suave, já dura, já benigna,
Eu a busco, eu a temo; o meu cuidado,
Que me tem todo absorto, e arrebatado,
O que a Mágica faz, certo imagina.

De repente se ausenta; e eu, que posto
Em meu delírio estava tão contente,
Entro logo em um fúnebre desgosto.

Ora vejam se há mágoa mais veemente,
Que até sendo fantástico' o meu gosto,
O mesmo engano o Céu me não consente.

4

Que me estás retratando, ó pensamento,
Na sombra que propões a meu cuidado?
Acaso do edificio destroçado
Memórias, que se observam no fragmento?

Eu já desprezo o horror; e o sentimento
Tanto a minha constância tem provado,
Que ao martírio incansável costumado
Desconheço as espécies do tormento.

Mostra-me embora a sem-razão perjura
Que inúteis fez os votos da porfia
Em seguir a mais rara fermosura.

Nada me há de assustar a imagem fria,
Que eu nunca vi a face da ventura
Que não temesse o véu da aleivosia.

5

Tronco de verdes ramas coroados,
Que vais buscando a esfera derradeira,
Oh! não te engane essa aura lisonjeira
Com que estás assombrando' o verde prado.

Eu me vi, como tu, já remontado
Sobre o mais alto cume; e quando inteira
Supunha a minha glória, na carreira,
De tão caduco bem me vi parado.

Se cuidas que no empenho peregrino
De um espírito ardente há igual excesso,

Não pode o Céu, nem Júpiter divino.

Pondera um triste exemplo em meu sucesso:

Verás como os impulsos do Destino

Contrastam das idéias o progresso.

6

Ao convento do Buçaco

No misterioso horror desta clausura,?

Austera habitação da soledade,

Como em base de eterna santidade,

Permanente, a virtude se assegura.

Enriquece-se a cândida estrutura

Só dos pobres adornos da piedade;

E desmaiando pálida a vaidade

Se retira sem pompa e sem cultura.

Dos corações humanos à harmonia

Desta muda, suavíssima eloquência,

Mal se opõem os impulsos da porfia.

Tão forte aqui se intima a penitência,

Que a sacrilégio passa a rebeldia,

E não chega a ser mérito a obediência.

7

Debalde estendes o enganoso laço,.

Perjuro Amor, Deidade fementida;
Já cai por terra a máquina, que erguida
Os troféus apontava do teu braço.

Já recobro a razão, já despedaço
Os teus grilhões, e restaurando a vida,
Com esta mal das cinzas extraída
Vítima, ao desengano satisfaço.

Crerás que aflito ou lastimoso gemo;
Oh! não te enganes, que a perdida glória
Me assusta menos inda quando tremo.

Agora, que a ruína é já notória,
Mais sossegado estou, pois já não temo
Sofrer mais dano, ou dar-te mais vitória.

8

EPITÁFIO

Aqui jaz, caminhante desatado,
Dos anos o esplendor em cinza breve,
Salício, aquele engenho que descreve
Nesta pedra as vinganças de seu fado.

Aos aplausos da fama encomendado,
De inveja a sorte os passos lhe deteve,
Agora pois seja-lhe a terra leve,
E nas sombras o voto consagrado.

Templo seja à saudade construído;
Este mármore duro o sentimento

Aqui lhe assista sempre enternecido.

Compense-se da morte o horror violento,
Que, se o Pastor roubar tem conseguido,
Eterno o há de fazer nosso tormento.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

Sonetos Inéditos, de Cláudio Manuel da Costa

Edição de Referência:

A Poesia dos Inconfidentes, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.